



## O artesanato em discurso nos websites e suas tensões no campo do Turismo

Bruno Riegel de Pádua Simon<sup>1</sup>

Mônica Restelatto<sup>2</sup>

Raquel Alquatti<sup>3</sup>

Dra. Luciene Jung de Campos<sup>4</sup>

Universidade de Caxias do Sul

**Resumo:** O presente trabalho é um recorte da Pesquisa Artesanato e Turismo: saberes e trocas simbólicas, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Este trabalho tem como objetivo analisar, em websites, como o artesanato e os artesãos são vistos pelo olhar de duas secretarias municipais de Caxias do Sul. A Análise do Discurso (AD) de vertente francesa é o dispositivo teórico analítico que é empregado para auxiliar no entrecruzamento de saberes, sendo a psicanálise, o materialismo histórico e a lingüística o tripé deste campo de análise. Duas seqüências discursivas são tidas como materialidade para debruçar-se, mesmo que brevemente, num entendimento dos mecanismos inseridos nos aparelhos ideológicos.

**Palavras-chave:** artesanato; análise do discurso; Turismo; websites; memória

**Abstract:** The present work is a portrait of the Reaserch Program *Handcrafting and Turism: simbolic knowledges and exchanges*, runned parallel to the Post-Gradutaion Program in Turism of the University of Caxias do Sul. It objectifies in analyzing, through websites, how handcraft production and craftsman (woman) are seen under the scope of two county Secretariats of Caxias do Sul. The Discourse Analysis, of french founding strand, is the theoretical analysis device thereby employed to highlight the lathing of knowledges. Founded in psychoanalysis, the marxist theory and linguistics its three sustaining theoretical basis. Two discourse indentions are had as materialness to the purpose of contemplating, even if briefly, an understanding of the mechanisms in motion present in the, here called, ideological devices.

**Keywords:** *handcraft – discourse analysis – websites – materialness*

---

<sup>1</sup> Graduando de psicologia e bolsista voluntário da pesquisa Artesanato e Turismo: saberes e trocas simbólicas vinculada ao PPGTUR-UCS. E-mail: simon\_894@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda de psicologia e bolsista da pesquisa Artesanato e Turismo: saberes e trocas simbólicas vinculada ao PPGTUR-UCS. E-mail: monirestelatto@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda de psicologia e bolsista Probic FAPERGS da pesquisa Artesanato e Turismo: saberes e trocas simbólicas vinculada ao PPGTUR-UCS. E-mail: r.alquatti@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora Doutora do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul Coordenadora do projeto Artesanato e Turismo: saberes e trocas simbólicas vinculada ao PPGTUR-UCS. E-mail: ljcampos@gmail.com.



## Introdução

Este trabalho vem tratar da construção de sentidos sobre o artesanato na cidade de Caxias do Sul proveniente de *websites* de duas instâncias do poder executivo municipal: a Secretaria do Trabalho Desenvolvimento Econômico e Emprego e a Secretaria da Cultura. Busca-se identificar os saberes que são evocados pelos órgãos municipais, para representar o artesão e o artesanato da cidade.

Trata-se de um fragmento da pesquisa *Artesanato e Turismo: saberes e trocas simbólicas*, articulada junto ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. A pesquisa busca voltar um olhar tanto à produção artesanal local, quanto ao saber-fazer dos trabalhadores artesãos através da compreensão dos processos de organização social, de produção e reprodução e das matrizes ideológicas presentes nesta relação.

Compreendemos que o artesanato, por si, apresenta um saber e uma prática intervalar, situado no entremeio entre o público e o privado, entre a mão e a ferramenta, a reprodução e a transformação, a tradição e a criação. O fragmento que está sendo proposto aqui se situa, contudo, na torção. Tratará o artesanato pela via das instâncias públicas que o citam, nos sentidos evocados pelos representantes municipais do Desenvolvimento Econômico e da Cultura. Como estes representantes evocam os artesãos locais e o artesanato?

É importante ressaltar que não se trata de estabelecer um julgamento frente à administração pública municipal, mas sim evidenciar as relações de força que permeiam o artesanato enquanto prática, já abordado por autores que pesquisam tal fazer em diferentes contextos. Busca-se realizar um esboço de análise dos meios pelos quais as relações ideológicas atuam através de aparelhos que produzem e reproduzem o lugar posto como subsidiário do artesanato.

Cientes da complexa rede de articulações presentes até então, convocamos a Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, como dispositivo teórico analítico. Por ser um dispositivo de fronteiras – entre a psicanálise, o materialismo histórico e a linguística – compreendemos que a AD permite abranger esta complexa e intrincada teia de sentidos, dentro do tecido social.

O trabalho aqui proposto deriva da confecção de dois pôsteres apresentados em eventos científicos que, neste momento, compõem um esboço inicial de integração das possibilidades de análise do corpus discursivo.

## **O artesanato *no e sob* o (con)texto**

De que artesanato falamos, quando invocamos essa prática milenar? Especialmente quando nos referimos a tal prática no mundo contemporâneo? Que artesanato é esse que se mostra integrado, inscrito na ideologia, porém se vê esquecido na sociedade dos bens de consumo? Que posição é essa que ao mesmo tempo em que se faz presente no aqui agora,



concomitantemente se faz ouvir o artesanato de outrora, de subsídio, de sobrevivência? Todas essas são perguntas vem a desnudar o efeito de evidência criado pelo entrelaçar da língua, da ideologia, do sujeito. É questionando as posições ideológicas implicadas nas diversas formas discursivas, que buscamos, neste trabalho, presenciar movimentos que engajam sujeito-língua-história.

Inicialmente faz-se necessário realizar uma conceituação do artesanato. Em um retorno a concepção da palavra, artesanato significa um fazer ou o objeto cujas mãos são o principal instrumento de produção (LIMA, 2008). Neste trabalho compreende-se o artesanato como um campo complexo, podendo assumir as facetas de um saber-fazer, uma prática, um trabalho, um produto, uma produção, uma criação, uma obra, um espaço onde o sujeito pode implicar seu desejo. Assim, o artesanato, assume a forma de uma zona de fronteira fugidia a ser delimitada. Já que este sítio de expressão artística que está se tomando para análise, no domínio da arte, localiza-se no limbo, marginalmente denominado arte menor, arte manual e arte popular (CAMPOS, 2007).

Através do dispositivo da Análise do Discurso francesa, nos deparamos com os entremeios que exprimem a construção *dos* e *nos* sentidos. Entretanto o discurso aqui perde seu cunho popularmente oral, e passa a ser desvelado a partir dessa construção de sentido por trás do jogo velado que ele mesmo materializa – material que aqui é a obra do artesão. O discurso, propõe Orlandi (1997), remetendo a Pêcheux, é o “lugar de contato entre língua e ideologia” (p.17). A *produção*, aqui é vista, enquanto materialidade oriunda dos diversos embates que ocorrem *nas* e *sob* as formas de construção dos sentidos. Todavia, ao desmantelarmos o texto, chegamos ao discurso. Presenciamos os movimentos – desvelando a “obviedade” por trás da língua – nos deparamos com âmbitos que de praxe seriam característicos do campo psicanalítico.

Não devemos, por outro lado, esquecer que – embora as noções de imaginário, real e simbólico estejam definidas como tal no campo da psicanálise – o modo como a análise [*do discurso*] vai articular essas três noções é próprio a seu campo específico (ORLANDI, 1997, p.16).

É por via desse instrumento teórico que conseguimos, mesmo que brevemente, presenciar movimentos que engajam sujeito-língua-história (e ideologia), entrelaçando-os. Explanando que “o discurso [não] é visto como uma liberdade em ato [...] nem a língua como totalmente [...] sem falhas ou equívocos” (ORLANDI, 2010, p.22). Nessa ausência de liberdade da língua, é onde situamos a posição simbólica que entra em ressalva. Onde a língua se encarrega, ao mesmo tempo, de tornar “óbvio” e de velar. Como aponta Orlandi (1997) é a posição do sujeito em holofote nesse (con)texto.

Essa posição que se vê distorcida e subvertida à ideologia dominante, que se exprime pelas “diferentes formulações de enunciados [que] se reúnem em pontos do dizer, em regiões historicamente determinadas de relações de força e de sentidos: as formações discursivas”. (ORLANDI, 1997, p.20). Através desse trabalho, pretendemos esmiuçar os mecanismos ideológicos que envolvem a vivência do locutor, mas aqui sujeito, artesão.



O mundo contemporâneo é marcado pela severidade e selvageria do capital, ele é escarificado, calejado – bem como seus sujeitos - em função do constante embate de forças tanto opressoras e reguladoras quanto as de cunho criativo. Ambas as forças são oriundas da permanente memória da ideologia vigente em todos os aspectos da vivência cotidiana. Segundo Althusser (1996) a classe dominante é atuante nos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE's), que são “um certo numero de realidades que se apresenta ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (p. 114), como é o caso dos textos analisados postados pelas instituições.

É nesse entremeio que percebemos que a hegemonia burguesa se assenta na maneira como a classe dominante iconiza, perpetua e reproduz nosso patrimônio histórico-cultural. E não somente isso, trata de mediar a relação do sujeito com o passado, a “história”, articulado aos seus próprios interesses.

Para Choay (2001), patrimônio histórico refere-se a um “bem destinado à comunidade, [...] constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras de belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos” (p.11). Além disso, Silva (1999), afirma que o patrimônio histórico coloca-se como “mediador entre passado e presente, uma âncora capaz de dar sensação de continuidade em relação a um passado nacional e até muitas vezes mundial” (p.27).

De que maneira esses patrimônios – aqui edificações, práticas, noções, representações – transpõem a barreira do real para significar as relações do sujeito com a cultura, com o espaço e com a memória? Que possibilidades emergem na contemplação desse patrimônio e da apropriação desses significados?

Canclini (2000) ressalta a dificuldade na sociedade contemporânea de romper com os modelos instituídos, quando essa ruptura visa autonomia e inovação. O autor coloca que a adoção de “relações altamente ritualizadas com um único e excludente patrimônio histórico” (CANCLINI, 2000, p.166) alicerça o fato de que “o tradicionalismo aparece muitas vezes como recurso para suportar as contradições contemporâneas.” (CANCLINI, 2000, p.166).

E o lugar do artesão e de sua prática nesse entremeio de contradições? Trata-se de compreender agora que o lugar de locutor (posição do sujeito) ocupado pelo sujeito artesão passa a ser gerida pela história, com a qual sua produção fala. Contudo essa mesma história subverte-se, afim de posicioná-lo na estrutura social enquanto *trabalhador* e sua obra enquanto *produto*. O produto, objeto da cena capitalista, integra o sujeito às práticas ideológicas vigentes, realizando um rearranjo da cadeia de significantes.

Pêcheux (1995) coloca que “os objetos ideológicos são sempre fornecidos juntamente com seu ‘modo de usar’ – seu ‘sentido’, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe a que servem (...)” (p.145). O *objeto*, passa a ser visto não meramente como um produto de valor monetário agregado, mas sim como matéria simbólica significativa e de conteúdo reproduzidor da ideologia da classe dominante. O bem de consumo passa a assumir a função organizadora das relações sociais. O valor simbólico – esse que transcende em escala inestimável seu valor real – trata de clamar o desejo dos sujeitos. O *produto* ultrapassa o mero



objeto de desejo do sujeito enquanto uma falta real a ser preenchida transformando-se também em matéria reguladora e determinante de seu espaço no rizoma da formação social.

O sistema do capital capta o trabalho, produção do sujeito, através do salário. Althusser (1996) elucida a reprodução dos meios de produção da formação capitalista, evocando os preceitos apresentados por Marx em *Trabalho Assalariado e Capital* quando esse se refere ao salário. Marx (1849) alega que é por meio da recompensa monetária ao final das jornadas que o capitalista garante a reprodução da força de trabalho. O salário é então a matéria posta como um valor simbólico a fim de organizar a formação social e a posição do sujeito.

Todavia, não basta que a força se reproduza simplesmente, é necessário “que a mão-de-obra disponível deve ser ‘competente’, isto é, apta a ser posta para trabalhar no complexo processo de produção” (ALTHUSSER, 1996, p.107). O autor aponta que na servidão ou escravidão, identificava-se uma ênfase no conhecimento fomentada “*in loco*” ou “*o aprendizado dentro da própria produção*” (ALTHUSSER, 1996) – o infame *know-how*. Em contraponto, a ideologia da classe dominante, posiciona a busca da qualificação cada vez mais longe do desejo do sujeito, depositando essa responsabilidade aos sistemas de serviços educacionais e outras instituições.

Trataremos, a seguir, de abordar as instituições em destaque em nossos recortes discursivos. Conceberemos aqui os órgãos das Secretarias da Cultura e do Trabalho e Desenvolvimento Econômico sob a perspectiva althusseriana. As secretarias podem ser compreendidas como Aparelhos Ideológicos do Estado que atuam, através de diferentes formas, para reproduzir as relações de produção (ALTHUSSER, 1996), ou seja, os AIE’s são instituições que mantêm as relações de dominação através de seus dispositivos atuantes na esfera social: a escola, a igreja, o poder legislativo, executivo, judiciário, a família, entre outros.

As secretarias tomam o *corpus* de instituições representativas da Ideologia - AIE’s, que produzem saberes sobre o artesanato e os artesãos, indicando a sua posição na formação social. Ao mesmo tempo, se utilizam de métodos reguladores, mantenedores dos aspectos que compõem as suas formas de produção.

Culminemos aqui na tenuidade desses métodos propostos pelos Aparelhos Ideológicos do Estado althusserianos quando o autor alega que os mesmos “funcionam maciça e predominantemente *pela ideologia*, mas também funcionam secundariamente pela repressão, ainda que no limite [...] muito atenuada e escondida, *até mesmo simbólica*” (ALTHUSSER, 1996, p.116, ênfase pessoal).

Quando nos referimos aos artesãos, surge a reflexão acerca das gritantes discrepâncias presentes na contemporaneidade quando nos referimos à formação social. Afinal somos todos postos a presenciar a violência cotidiana vivenciada nos diversos contextos de trabalho que a restrita classe dominante tem a oferecer aos sujeitos. Tudo em prol da produção, em massa, desenfreada – e custosa – dos aclamados bens de consumo.

Será a partir de tais questionamentos que nos proporemos a realizar breves análises das seqüências discursivas da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Trabalho e



Emprego, tratada como SD1 e o texto da Secretaria da Cultura, tratada como SD2. Como enfoques principais, serão abordados, em cada um dos recortes, alguns conceitos referentes à memória e o esquecimento pela via discursiva, com ênfase nas relações ideológicas que significam o artesanato.

### O artesanato no “resgate” de que?

*SD1: Caxias do Sul possui mais de 2.000 artesãos cadastrados, sendo que as técnicas e as matérias-primas são centenas, o que demonstra a diversidade de tipos de artesanato desenvolvidos no Município. O CMARTES participa ativamente do dia a dia destes profissionais e desenvolve ações focadas no estímulo a produção artístico-cultural, na atuação em rede de cooperação econômica e no fomento a geração de trabalho e renda, sem falar no resgate da história cultural de Caxias do Sul e da sua autoestima. Muitos artesãos acabaram por formar associações de artesanato. Hoje, Caxias do Sul conta com mais de quinze grupos que se organizam para participar de feiras e eventos e para comercializar os seus produtos (Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Emprego<sup>5</sup>)*

O artesanato é compreendido aqui no entremeio entre a resistência e a produção. Este jogo de forças cria uma tensão explicitada no enunciado entre a memória e o esquecimento. Evidencia-se o estímulo a produção, a geração de renda, o resgate da história e da “autoestima”.

Pêcheux (2010) aponta a repetição como efeito material que assegura o espaço de estabilidade, mas, ao mesmo tempo, a recorrência do mesmo abre espaço para o jogo da metáfora, onde “a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (p. 53). Quando atentamos à SD1, observamos a marca da repetição em “estímulo a produção”, “cooperação econômica” e “geração de trabalho e renda”, causando um efeito de regularização, do artesanato como reprodução do modelo industrial, evidenciando o esquecimento do próprio fazer artesanal: o fazer executado pelo sujeito através de suas mãos, com tempo e forma imprevisíveis, único.

Ao mesmo tempo, quando “sem falar no resgate da história cultural de Caxias do Sul e da sua autoestima”, possibilita que pensamos no dito que evidencia o não-dito, o esquecido o que não se pode falar.

Para Pechêux (1995), o *esquecimento n°1* possibilita a sensação do sujeito como origem do dizível. O *esquecimento n°2*, por sua vez, diz respeito à ordem da enunciação, onde algo só pode ser dito desta forma, e não de outra. (Pechêux, 1995). “Sem falar no”, explicita o esquecimento n°1, da ordem do inconsciente, no momento em que ao sujeito falante não há a possibilidade de situar-se fora da Formação Discursiva que o domina.

Lima (2008) ressalta que é ao urbano, ao escolarizado e ao sofisticado cabe distinguir e qualificar o que é da ordem da arte erudita ou popular. “Ao fazer popular, definido por

<sup>5</sup> Disponível em [http://www.caxias.rs.gov.br/desenv\\_economico/texto.php?codigo=205](http://www.caxias.rs.gov.br/desenv_economico/texto.php?codigo=205). Acesso em 12 de maio de 2014.



oposição à criação erudita e a partir de categorias que lhe são estranhas, é reservado um espaço de menor importância – é a ‘arte popular’ ou apenas ‘o artesanato’” (p.72).

Para Campos (2013) “a ‘baixa autoestima’ adquire o valor imaginário de doença, mas o sentido é econômico e moral” (p.196), deste modo, para a autora, quem não se enquadra nos padrões ditados pelo discurso dominante é acusado a partir da perspectiva patológica da exclusão. O sujeito fica amarrado, barrado no seu desejo, obrigado a produzir, formatado dentro da cena capitalista.

No que tange o real – aqui o real da A.D. – do sistema de produção, colocamos em ressalva o jogo da produtividade apontado por Arendt (2010), na qual a autora esclarece que a produtividade é o cerne de todas as atividades do trabalho “por mais fúteis ou não duráveis que sejam os seus produtos” (p.108). Contemplamos aqui o movimento inverso da ideologia em por na contramão dessa produção, o desprendimento de energia e da força de trabalho do artesão. Nesse discurso o *produto* antecede a *produção*. O artesão faz cair o que Lacan chamou de “pedaços do real” (2009/1971), cintilando então essa matéria desejante – inconsciente – que só se encontra no sangue e suor empreendidos no trabalho. Busca-se então resgatar a “autoestima” do artesão. É deslocada a responsabilidade daquilo que é subsidiário, dentro da Formação Social, através de um efeito de evidência que culpabiliza o sujeito.

Contudo, lembra-se da responsabilidade de guardar a tradição e de resgatar a história. A história, aqui, relaciona-se na afirmação do lugar da pobreza. O discurso volta-se à geração de emprego e renda. A renda é uma maneira de ser lembrado, de ficar vivo na memória, de não cair no esquecimento. Com renda pode-se entrelaçar a “autoestima”. Resistam, mas resistam aqui dentro.

Para Pêcheux (2010), há um constante jogo de forças atuando na memória. De um lado uma potência de regularização, da ordem da estabilização e da paráfrase. Neste lado, compreendemos a potência do real do trabalho, do significante, o render. De outro, a perturbação dos implícitos, a ruptura e a desregulação. Neste lado, contudo, o simbólico se apresenta. É preciso render. Não pode render-se.

Retomando Campos (2013), a singularidade não encontra lugar na emergência da economia liberal, pautada na racionalização. É preciso render-se à produção, mas é necessário resistir. O resistir é utópico. Mas é no render que o sujeito não se deixa render. Render implica desejo.

A resistência vira então o movimento que se percebe na outra face do trabalho. O avesso do significado vira, aqui, o inverso da produção. O artesão, mesmo que dono de um *produto* se formaliza enquanto improdutivo pelo fato de o investimento de força do artesão não “contribuir” para os modelos defendidos pela ideologia vigente. Esta é a resistência possível do artesanato. Render na subversão do render, num potente deslizamento em que o sujeito poderá fazer um novo uso, rearticulando seu campo de gozo. Não se gerencia o desejo. É labirinto.



### Potencializar e alavancar o indiferenciado

SD2: *Valorizando o grande número de pessoas e entidades que trilharam este caminho, entende-se a necessidade de potencializar o artesanato local, uma vez que, no Brasil inteiro, não se observa grandes diferenças na maioria dos produtos. Entrelaçados de vimes, taquaras e gastronomia local. É de grande importância para alavancar este eixo, nesta região. Obs.: Aquele produto que não é produzido em série, mas sim manual, é artesanato. Visando o cunho artístico e não somente o manual. (Secretaria da Cultura<sup>6</sup>).*

Como abordado anteriormente, o efeito de regularização carregado pela memória dão sentido frente a determinados aspectos construídos (PÊCHEUX, 2010). A SD2 coloca em evidência o reconhecimento da existência de uma grande parcela da população da cidade representante do saber-fazer do artesanato, vinculada às classes desfavorecidas. No ímpeto de “potencializar” e “alavancar” esta prática, observa-se a indicação do artesanato como sem potência e sem qualificação, remetendo ao trabalho improdutivo.

Arendt (2010) analisa o trabalho pela sua distinção, que remete à Antiguidade, entre público e privado na base do trabalho produtivo e improdutivo. Assim o trabalho do servo e do escravo, em âmbito privado, remete o trabalho que visa a subsistência, cujo resultado pode ser consumido “tão depressa quanto o esforço é despendido” (p. 107). Já as atividades políticas realizadas no público associaram-se ao advento da modernidade da divisão e da organização industrial do trabalho.

Para a autora a obra marxista ganha força na era moderna ao passo que se perde a distinção entre o trabalho tido como produtivo por gerar produtos, pois entra em cena a força de trabalho enquanto “produtividade”.

O resultado é que o que é comprado e vendido no mercado de trabalho não é a qualificação individual, mas a ‘força de trabalho’, da qual todo ser humano deve possuir exatamente a mesma quantidade (ARENDR, 2010, p. 111).

Nesta perspectiva, pode-se compreender que o trabalho do artesão, além de significado enquanto improdutivo – da ordem do servil e doméstico - na lógica da produção para o consumo, também aponta a compreensão de que a força de trabalho despedida na produção artesanal não se equipara a quantidade de força de trabalho necessário para que cada homem cumpra seu papel na produtividade. “Potencializar” e “alavancar” podem ser compreendidos como uma acusação da dívida do artesão quando comparado ao trabalhador da fábrica, uma vez que exprime o sentido de que o artesão não utiliza toda a sua força de trabalho.

Uma materialidade expressa por um Aparelho Ideológico do Estado que trata de estipular ao sujeito/artesão as condições próprias da sua posição. Para tanto, esse órgão trata de encarregar-se “não apenas [da] reprodução de sua qualificação, mas também, (...) [de] uma

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.caxias.rs.gov.br/cultura/texto.php?codigo=476>. Acesso em 12 de maio de 2014.





reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida (...), uma reprodução de sua submissão à ideologia vigente.” (ALTHUSSER, 2010, p. 108).

Esta violência simbólica estipula os significados construídos acerca do que o artesão faz ou deve fazer enquanto profissional. As atenções se viram ao questionamento: por que essa ordem se mantém intacta? E a possível resposta reside novamente nas palavras de Louis Althusser (2010) que posiciona os AIE's não somente como “o alvo, mas também como o lugar da luta de classes, e, frequentemente, de formas encarniçadas de luta de classes” (p. 117). A resistência engendra-se aqui no jogo da memória, de um lado o AIE Secretaria da Cultura lembra o sujeito que ele existe e merece ser “alavancado” por seu produto – e trata de ajudá-lo – que formula o “produtivo”. E de outro, o esquecimento do seu real trabalho, de seu empreendimento de energia vital naquela produção, tornando-a “improdutiva”.

Entende-se que a Secretaria da Cultura, através da repetição da posição subsidiária do artesanato reproduz uma marcação que regulariza a memória frente o trabalho artesanal na cidade de Caxias do Sul. Esta construção de sentidos reforça a posição ideológica dominante que situa o artesanato, enquanto prática da esfera popular, geralmente associada ao subsidiário, àquilo que escapa à modernidade ao recriar objetos da cultura de um povo, na contramão dos processos industriais e tecnológicos.

Canclini (2000) e Lima (2008) concordam que é a partir desta precisa localização do artesanato enquanto produto da classe subsidiária, que se faz a abrupta divisão entre a arte e o artesanato. Canclini (2000) ressalta que o artesanato não está autorizado a participar legitimamente da cadeia de bens simbólicos, ficando fora das universidades e museus. Lima (2008), ao realizar uma crítica em relação à dicotomia entre a arte e o artesanato, afirma que o fazer artístico provém da concepção de que a arte pertence às elites, sendo o fruto de um pensar derivado de um conhecimento superior, sofisticado, restando às classes subalternas o mero fazer, a reprodução, o artesanato.

Contudo Arendt (2010) ressalta a categoria da obra manual e intelectual, remetente ao popular, apresentando ma perspectiva inversa ao que Canclini (2000) e Lima (2008) apontam. A autora conecta o intelectual ao manual, ao passo que o trabalho intelectual não pode produzir absolutamente nada de tangível, a não ser pela utilização da mão para a materialização do pensamento. “A qualidade específica de obra da obra intelectual deve-se à ‘obra de nossas mãos’ tanto quanto a de qualquer outro tipo de obra” (p.112). O que, para autora, distingue-se é a relação estabelecida entre o trabalho intelectual com a arte liberal e o trabalho manual com a arte servil, cujo critério de divisão é político.

Além disso, a SD2 afirma a homogeneidade do artesanato brasileiro e delimita o artesanato produzido a partir de três possibilidades: “entrelaçados de vimes, taquaras e gastronomia local”. Em contrapartida, Keller e Lima (2011) afirmam que o artesanato “é diverso e é rico tanto pelas matérias-primas que emprega, quanto pelas técnicas segundo as quais os objetos são confeccionados e também, devido às realidades que são vividas por aqueles que o produzem” (p. 189). Tais lacunas, ou esquecimentos tornam evidentes a dissonância entre a lógica capitalista e o fazer próprio do artesanato. Ou seja, o artesanato



carrega consigo um outro modo de produção, disforme, despadronizado, produzida em outro ritmo, em uma lógica oposta ao modelo normativo de trabalho industrial.

Contudo, a SD2 tem uma observação que admite a existência de “cunho artístico” na concepção de trabalho artesanal. Podemos tratar esta questão como um lapso de sentidos. Pêcheux (2010) articula a memória como um jogo de forças. Ao mesmo tempo em que há regularização, há também a possibilidade de desregulação “que vem perturbar a rede dos 'implícitos’” (p. 53). Assim a observação "de cunho artístico", feita pela Secretaria da Cultura, desestabiliza as afirmações calcadas no trabalho desqualificado, e traz para a cena o trabalho do artesão situado no entremeio do manual e do artístico, como oposição à produção em série.

Sendo o conceito de memória descrito como “um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2010, p. 56), observa-se a disjunção entre a regularização do trabalho artesanal onde "no Brasil inteiro, não se observa grandes diferenças entre os produtos" e o "cunho artístico". Entra aqui a possibilidade intelectual do fazer artesanal, que desestabiliza a memória, possibilitando à mão o status daquilo que tece, entrelaça e que articula.

### **Considerações Finais**

O recorte discursivo apresentado neste trabalho trata das construções de sentidos sobre o artesanato, pelo viés dos representantes do poder executivo municipal que tratam de desenvolvimento econômico e de cultura. O funcionamento da Secretaria do Trabalho Desenvolvimento Econômico e Emprego e da Secretaria da Cultura é analisado na perspectiva althusseriana dos aparelhos ideológicos, a partir de suas publicações no site oficial da prefeitura municipal como práticas que fornecem um lugar evidente para o artesanato local enquanto subsidiário. Para Orlandi (1996) “um dos efeitos ideológicos está justamente no fato de que, no momento mesmo em que se dá, a interpretação se nega como tal” (p. 65). Deste modo, é na produção dos discursos que os sujeitos formulam a atividade interpretativa, ou seja, a atribuição de sentidos às palavras em determinadas condições. Para a autora, neste movimento “apagam-se as suas condições de produção, desaparece o modo pelo qual a exterioridade o constitui. Em suma, a interpretação aparece para o sujeito como transparência, como o sentido lá” (p. 65). A evidência, por conseguinte, é produzida pela completude fornecida pela ideologia (Orlandi, 1996, p. 66).

As secretarias servem como norte moral e normativo, do qual o sujeito se vê compelido a espelhar-se para se fazer ouvir dentro da gama simbólica com a qual se depara, na contramão do seu desejo.

A partir das reflexões até então apresentadas, colocamos a questão a respeito da reprodução ideológica na vivência diária do sujeito e da maneira como a ideologia funciona para fixar os sentidos, naturalizando-os e perdurando injustiças nas relações de trabalho. Aqui evocamos Pêcheux (1995):



[...] o predomínio da ideologia dominante que se caracteriza, no plano ideológico, pelo fato de que a reprodução das relações de produção ‘triumfa’ sobre sua transformação (obstaculiza-a, lentifica-a ou a suprime, nos diferentes casos), corresponde a manter idêntica cada ‘região’ ideológica, isoladamente considerada, do que a reproduzir as relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões (com seus ‘objetos’ e as práticas em que eles inscrevem) (p.145).

Ao realizar uma ruptura com o modelo industrial vigente, predominante na cidade de Caxias do Sul, o artesanato encontra-se significado nos sites como indiferenciado, despojado de recursos e sem potência. No jogo de forças atuantes na memória, o trabalho artesanal remete ao trabalho improdutivo. Estas evidências, fornecidas pela ideologia dominante indicam os sentidos que o artesanato é tomado enquanto trabalho a partir da diretriz de órgãos municipais representantes das práticas culturais e de trabalho locais.

Para finalizar, questionamos a partir das SDs das Secretarias do município, quais seriam as repercussões para o artesanato na sua relação com o Turismo? Que efeito de sentido teriam essas SDs para o viajante interessado em adquirir um souvenir no município? Qual o lugar da memória e da tradição.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105 - 142 .

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CAMPOS, Luciene Jung de. Bonecos: suporte do sujeito, fragmento de linguagem e monumento da história. In: **Anais do III Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2007, Porto Alegre. III SEAD. PPGLT: UFRGS, 2007.

CAMPOS, Luciene Jung de. O sujeito na posição-reciclador no labirinto dos discursos. In: REMEDI, José; MÉNDEZ, Natália Pietra; WAISMANN, Marcelo. **Visões sobre o trabalho: diálogos interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

CANCLINI, Nestor., Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CHOAY, F.. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. 2001.

KELLER, Paulo. & LIMA, Ricardo, Gomes. Artesanato em Debate: Paulo Keller entrevista Ricardo Lima. In. **Revista Pós Ciências Sociais**. 2011.

LACAN, Jaques. **Seminário Livro 18: de um discurso que não seria do semblante**. Rio de Janeiro: Zahar. 2009. (Trabalho original publicado em 1971).



LIMA, Ricardo.G.. Engenho e Arte. In. R., M., C. SILVA (Org.). **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação. 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 150 p.

ORLANDI, Eni., Puccinelli. **As Formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In. ACHARD, Pierre, Et al.. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes. 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Unicamp, 1995. (Trabalho original publicado em 1975).

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO TRABALHO E EMPREGO. Disponível em: [http://www.caxias.rs.gov.br/desenv\\_economico/texto.php?codigo=205](http://www.caxias.rs.gov.br/desenv_economico/texto.php?codigo=205). Acesso em 12 de maio de 2014.

SECRETARIA DA CULTURA. Disponível em <http://www.caxias.rs.gov.br/cultura/texto.php?codigo=476>. Acesso em 12 de maio de 2014.

SILVA, Z. L. **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.